

Mesma natureza, outros valores: a dimensão relacional na valoração de serviços ecossistêmicos

Same nature, different values: the relational dimension in the valuation of ecosystem services

Ingrid Almeida de Barros Pena¹ 

Helena Neri Alves Pinto² 

Agnieszka Ewa Latawiec³ 

Palavras-chave

Serviços ecossistêmicos
Valores relacionais
Sentipensar
Maciço da Pedra Branca

Resumo

A abordagem dos serviços ecossistêmicos tem ganhado destaque no campo da conservação ambiental nas últimas décadas por evidenciar a conexão entre o bem-estar humano e as funções dos ecossistemas. No entanto, críticas têm apontado que a predominância de avaliações utilitaristas e monetárias ignora os valores socioculturais e afetivos atribuídos à natureza por diferentes grupos sociais. Este artigo discute a dimensão relacional na valoração dos serviços ecossistêmicos a partir das experiências dos quilombos Cafundá Astrogilda e Dona Bilina, no Parque Estadual da Pedra Branca (RJ). A pesquisa adotou uma metodologia interpretativista e sentipensante, combinando pesquisa-ação, entrevistas e vivência territorial para compreender as percepções e valores das comunidades quilombolas em relação à natureza. A partir das experiências investigadas, constatamos que a abordagem dos serviços ecossistêmicos deve ultrapassar a métrica utilitarista e monetária. O reconhecimento da centralidade dos valores relacionais — como cuidado, reciprocidade, ancestralidade e espiritualidade — na relação dessas comunidades com a floresta é um imperativo para a conservação. Ao evidenciar as práticas e valores que percebem a natureza como princípio de vida, território de vínculos espirituais e fonte de saberes, esta pesquisa inaugura um terreno para uma abordagem mais integrada e plural no campo. Essa perspectiva não apenas contribui para a adoção de práticas de conservação mais justas e conectadas aos modos de vida tradicionais, mas se estabelece como um ato de subversão ao colonialismo intelectual, capaz de influenciar as políticas sociais e as decisões institucionais relacionadas à resolução de conflitos socioambientais com base no reconhecimento da diversidade cultural e epistêmica.

Keywords

Ecosystem services
Relational values
Sentipensar
Pedra Branca Massif.

Abstract

In recent decades, the ecosystem services approach has gained prominence in the field of environmental conservation by highlighting the connection between human well-being and ecosystem functions. However, critics have pointed out that the predominance of utilitarian and monetary assessments often overlooks the sociocultural and affective values that different social groups attribute to nature. This article explores the relational dimension in the valuation of ecosystem services through the experiences of the Quilombola communities of Cafundá Astrogilda and Dona Bilina, located in the Pedra Branca State Park (Rio de Janeiro, Brazil). The research adopted an interpretivist and sentipensante methodology, combining action research, interviews, and territorial immersion to understand the communities' perceptions and values regarding nature. Building on the experiences investigated, this study contends that the ecosystem services framework must transcend utilitarian and monetary paradigms. Recognizing the centrality of relational values — such as care, reciprocity, ancestry, and spirituality — in shaping these communities' relationships with the forest is essential for advancing equitable and enduring conservation efforts. By foregrounding practices and worldviews that conceive of nature as a principle of life, a locus of spiritual connection, and a source of knowledge, this research establishes the basis for a more integrated and pluralistic approach within the field. Such a perspective not only fosters the development of fairer and more culturally grounded conservation practices but also constitutes an act of intellectual decolonization — one capable of informing social policies and institutional decision-making toward the resolution of socio-environmental conflicts through the recognition of cultural and epistemic diversity.

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ingrid.pena@gmail.com

² Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil. helenanap@gmail.com

³ Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, Instituto Internacional para Sustentabilidade (IIS), Rio de Janeiro, RJ, Brasil; Universidade de Opole, Polónia; Universidade de East Anglia, Reino Unido. a.latawiec@iis-rio.org

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a preocupação com a perda de biodiversidade e a degradação dos ecossistemas tem se intensificado, destacando a importância de compreender como o bem-estar humano está conectado às funções dos ecossistemas (IPBES, 2019). Para enfrentar esses desafios ambientais, foram desenvolvidas abordagens e ferramentas que avaliam essa relação, sendo a de serviços ecossistêmicos (SE) uma das mais proeminentes (Campanha *et al.*, 2019).

A abordagem dos SE considera as inter-relações entre os fatores de mudança (drivers), os ecossistemas e os serviços que eles prestam, bem como o bem-estar humano. Nesse contexto, o modelo proposto pelo Millenium Ecosystem Assessment (MEA, 2005) mostra que alterações nos fatores indiretos — como políticas, economia ou cultura — podem provocar mudanças nos fatores diretos, como o uso da terra ou a poluição. Esses fatores diretos, por sua vez, impactam os ecossistemas e seus serviços, influenciando diretamente o bem-estar humano. Segundo o MEA, os serviços ecossistêmicos são definidos como “os benefícios que as pessoas obtêm dos ecossistemas”, o que implica que esses serviços são determinados pelas necessidades e percepções da sociedade. O marco conceitual do MEA leva em conta serviços de provisão, regulação, culturais e de suporte. Outros marcos conceituais surgiram nos anos seguintes, como o do Painel Intergovernamental de Biodiversidade e Serviços Ecossistêmicos (IPBES), em 2012, tratando-os como benefícios da natureza para o homem. Desde então, houve um crescimento nas pesquisas e projetos de avaliação de SE, como a Iniciativa Global da Economia dos Ecossistemas e da Biodiversidade (TEEB, na sigla em inglês), um estudo global sobre a economia da perda de biodiversidade, e a Iniciativa Finanças para a Biodiversidade (BIOFIN), quantifica a lacuna de financiamento da biodiversidade para encontrar soluções financeiras em países e empresas.

A ideia de SE alcançou as esferas políticas de tomada de decisões, governos, organizações da sociedade civil, empresas e mercado financeiro, levando-o às esferas aplicáveis e instrumentais. O mesmo vem ocorrendo no Brasil, em que estão sendo desenvolvidas pesquisas e técnicas de avaliação, monitoramento e valoração de SE, além de políticas públicas que evidenciam uma preocupação com a conservação dos SE (Campanha *et al.*, 2019). Contudo, há um desafio significativo relacionado à negligência das relações de poder que permeiam o acesso, uso, gestão e manejo dos ecossistemas, o que muitas

vezes limita a eficácia da abordagem atual. Essa limitação se manifesta, por exemplo, na complexidade de considerar as diversas percepções e valores atribuídos à natureza (Colloff *et al.*, 2017; Zafra-Calvo *et al.*, 2020; Guibrunet *et al.*, 2021). Essa diversidade tem impactos diretos na capacidade de garantir que as decisões decorrentes desse processo sejam socialmente justas (Colloff *et al.*, 2017; Laterra *et al.*, 2019; Zafra-Calvo, 2020).

Esse desafio deriva, em parte, do histórico dos SE, que desde seu início esteve associado à avaliação ambiental econômica. Essa perspectiva, fundamentada na categorização e valoração monetária dos processos e funções dos ecossistemas, visava torná-los além de “visíveis”, comparáveis em termos econômicos para a tomada de decisão (TEEB, 2010). No entanto, conforme ressaltado por Schroter *et al.* (2014), essa abordagem utilitária, apesar de ser funcional para a formulação de políticas e tomada de decisões e oferecendo uma perspectiva pragmática, abre caminho para o desenvolvimento de uma economia da natureza baseada no mercado que dificulta a integração efetiva de considerações socioculturais nos processos decisórios.

Ao mesmo tempo, a literatura sobre sistemas socioecológicos evidencia que para alcançar uma mudança transformadora é essencial reconhecer e estimular uma variedade de valores relacionados à natureza, tanto aqueles mantidos por diversos atores quanto aqueles atribuídos a ela (Stålhammar, 2020). É a partir de valores sociais que as prioridades de cada um são constituídas, assim como também é a partir deles que orientamos nossas percepções, processamos informações e interpretamos a realidade (Manfredo *et al.*, 2017). Desta forma, valores são também a base que estrutura os objetivos humanos (Schwartz, 2006). Logo, se nossos valores são modificados, há um efeito dominó acerca de ações, percepções e informações assimiladas. Porém, uma mudança de valores implica numa reestruturação coletiva, tendo em vista que valores se formam em redes que operam entrelaçando indivíduos e grupos. Não são estruturas independentes e autônomas, são, em realidade, resultado de uma cadeia sociocultural que vincula indivíduos a coletividades e tradições grupais, gerando identificação entre indivíduos e comunidades e que, a nível pessoal, constituem identidades (Manfredo *et al.*, 2017).

Os termos “valor” e “valoração” são frequentemente debatidos na ciência dos SE. Geralmente, a ideia de valor está relacionada às iniciativas como o MEA, o TEEB e o IPBES, sendo abordada principalmente por meio da valoração ambiental. Ou seja, ela não está ligada a crenças

morais ou valores éticos, mas é vista como uma medida de preferência ou um indicador (TEEB, 2010) que reflete a importância relativa das diferentes funções dos ecossistemas para o bem-estar humano.

A estrutura do IPBES classifica os valores dos SE em três categorias que determinam a importância de seus benefícios para os seres humanos: valores intrínsecos, instrumentais e relacionais. Os quais, valores intrínsecos seriam aqueles inerentes a algo e, portanto, independentes de sua relação com seres humanos; e instrumentais e relacionais seriam os que se dão a partir da relação do ser humano com a natureza e, desta forma, dependem de interesses, necessidades e preferências pautados no significado subjetivo que humanos podemos depositar em algo. No entanto, Himes; Muraca (2018) apontam que, por seu caráter majoritariamente utilitarista, valores instrumentais podem ser substituíveis, diferentemente dos intrínsecos e relacionais. Esses últimos, por estarem diretamente ligados a significados de benefícios intangíveis, como espiritual, cultural e estéticos, seriam, portanto, insubstituíveis.

Valor relacional, segundo Díaz *et al.* (2015), são os que “contribuem com relações desejáveis, tais como entre povos ou sociedades e entre pessoas e a natureza, como viver em harmonia com a natureza” (as citações de obras em inglês e espanhol apresentadas neste artigo foram traduzidas livremente pelas autoras.). A plataforma define que são aqueles que se referem à “importância das relações recíprocas e significativas (...) através da natureza (por exemplo: senso de pertencimento, espiritualidade, responsabilidade, cuidado, reciprocidade, gestão)”. Portanto, são valores intangíveis e não monetários, de qualidade afetiva, que contribuem com o bem-estar e a qualidade de vida dos seres humanos e não humanos. Essa classificação se diferencia daquela que comumente predomina as avaliações dos SE.

Himes; Muraca (2018) distinguem o processo de valoração e conteúdo avaliado, uma vez que poderia haver alguma confusão conceitual dadas as suas naturezas relacionais. Segundo eles, valoração se refere a como algo, a partir de sua significância, passa a ser digno de avaliação. Já o conteúdo avaliado é o que é avaliado e como o valor lhe é atribuído. Logo, acerca da “gênese das avaliações”, consideram que são formadas tanto por uma visão subjetiva quanto objetiva, já que “não são produzidas inteiramente pelo observador nem são inerentes à coisa, mas surgem no espaço do encontro onde se originam o sujeito e os objetos” (p. 02).

Desta forma, assim como sugerido por Manfredo *et al.* (2017), o que seria considerado importante para cada quem, passa por uma mediação do mundo, uma vez que sofre sua influência e é co-determinado “por horizontes de significado socialmente compartilhados que formam narrativas, instituições, normas e práticas habituais compartilhadas” (Himes; Muraca, 2018, p.2). Essa perspectiva amplia o debate para além das dimensões individuais ou subjetivas, abrindo espaço para reflexões mais profundas sobre as concepções de mundo que moldam essas valorações e práticas.

Ao discutir as concepções dominantes de *mundo* ou *universo*, Escobar (2016), a partir de referências zapatistas, propõe uma reflexão sobre a pluralidade de realidades e conhecimentos presentes na sociedade contemporânea, propondo uma transição para *mundos onde caibam muitos mundos* ou *pluriversos* (p. 13). Para o autor, em termos ontológicos, a crise contemporânea pode ser entendida como a crise de um mundo específico ou de uma série de práticas que moldam o mundo.

O mundo ao qual geralmente nos referimos é a forma dominante da euromodernidade. Escobar (2016) cita John Law (2011) para referir-se a este mundo como o Mundo Mundial (One-World World - OWW), ou seja, um mundo que supostamente representa uma única visão de mundo, que se apropria do direito de ser “o” Mundo, submetendo todos os outros mundos aos seus próprios termos ou, ainda pior, relegando-os à inexistência; é um mundo onde só cabe um Mundo (Law, 2011, p 15).

Manfredo *et al.* (2017) ressaltam que, no contexto dos SE, por meio da abordagem relacional, os valores não monetários possibilitam uma avaliação mais adequada e pluralista, permitindo que diferentes perspectivas e formas de avaliação sejam consideradas em seus próprios contextos, favorecendo processos coletivos e reflexivos na construção do valor. Assim, a percepção e valoração dos SE podem variar amplamente entre diferentes grupos sociais, culturas e sistemas de conhecimento, influenciados por fatores como crenças, tradições, conhecimentos locais e valores espirituais. O campo requer abordagens que se afastem da monetização e do paradigma instrumental e, em vez disso, que ajudem a refletir mais sobre a pluralidade de valores.

Neste artigo, investigamos as percepções sobre a natureza que dão base aos valores a ela atribuídos por moradores dos quilombos Cafundá Astrogilda e Dona Bilina, localizados no Parque Estadual da Pedra Branca (PEPB), no Rio de Janeiro, a partir de uma pesquisa-ação e

entrevistas. Adotamos o "sentipensar" como premissa metodológica, e conduzimos as análises a partir de uma abordagem interpretativista, que tem contribuído para revelar sentidos e significados em contextos socioecológicos (Stalhammar, 2020). Com este trabalho, buscamos contribuir com a ciência dos serviços ecossistêmicos com caminhos e abordagens teóricas, analíticas e metodológicas que ampliem a identificação e reconhecimento de diferentes formas de valoração da natureza, com especial atenção aos valores não monetários.

CONTORNOS METODOLÓGICOS

A ideia de "sentipensamento" foi desenvolvido por Fals Borda, no qual o(a) pesquisador(a) "deve combinar a razão e o amor com o corpo e o coração" (Moncayo, 2015, p.10). Para Borda (2015), o pesquisador imerso nessas realidades territoriais se constrói a partir do contato direto com a vida cotidiana, as circunstâncias, o ambiente e a geografia local. Portanto, é através da prática da endogênese que se podem priorizar as iniciativas mais relevantes para as sociedades e comunidades locais, o que facilita a identificação e priorização de alternativas de solução diante das crises (Bastidas Aguilar, 2020, p. 64).

O sentipensar, base metodológica e analítica deste trabalho, foi incorporado de forma transversal na elaboração e análise das entrevistas, de modo que as perguntas estimulasse reflexões emocionais, espirituais e cognitivas sobre a relação com a natureza. Essa abordagem permitiu captar percepções que vão além de dimensões utilitárias, buscando revelar os valores relacionais atribuídos à natureza no cotidiano das comunidades.

Para investigar essas percepções e valores no contexto dos serviços ecossistêmicos, especialmente a partir da categoria de valores relacionais (IPBES, 2019), foram utilizadas três principais fontes de dados: pesquisa-ação com participação direta em oficinas de produção audiovisual, entrevistas semiestruturadas e vivência territorial.

As entrevistas foram elaboradas com base em três eixos: (1) percepção e sentimentos sobre a natureza; (2) usos e valores atribuídos à floresta da Pedra Branca; e (3) relações entre conservação ambiental e qualidade de vida. Esses eixos foram escolhidos com base na literatura sobre valoração de SE (Himes; Muraca, 2018; Guibrunet *et al.*, 2021), visando identificar como se expressam, nos relatos, os diferentes tipos de valores — especialmente os

relacionais, como cuidado, ancestralidade, espiritualidade e reciprocidade.

A vivência direta com as comunidades também contribuiu para uma compreensão situada dos serviços ecossistêmicos percebidos, mesmo que não nomeados nesses termos pelas comunidades, mas expressos por meio de vínculos simbólicos, práticas tradicionais e memórias afetivas com o território.

Para investigar percepções e valores em comunidades quilombolas no Maciço da Pedra Branca, foram utilizadas três principais fontes de dados. A primeira delas foi a pesquisa-ação realizada junto aos membros dos quilombos Cafundá Astrogilda e Dona Bilina, onde uma das autoras participou ativamente na produção de materiais audiovisuais e publicações junto às comunidades. Essa abordagem permitiu uma imersão no cotidiano e nos saberes locais, além de envolver a comunidade na definição dos temas e conteúdos, por meio de oficinas realizadas entre outubro de 2021 e dezembro de 2022. A segunda fonte foi a realização de entrevistas semiestruturadas, conduzidas no segundo semestre de 2023, com sete participantes dessas comunidades. Para a elaboração dos roteiros de entrevistas, foram considerados três principais eixos temáticos: 1) Percepção e sentimentos sobre a natureza; 2) Valor e utilização da floresta da Pedra Branca; e 3) Relação entre conservação da natureza e qualidade de vida. Na seção de resultados, as letras que acompanham as citações indicam a fonte de coleta dos relatos: "E" corresponde aos participantes das entrevistas, e "V" aos participantes das oficinas voltadas à produção audiovisual.

Por fim, a vivência direta nos quilombos também foi uma fonte fundamental, pois proporcionou a criação de vínculos, uma compreensão mais ampla das práticas cotidianas, narrativas e conexões com as tradições.

Área de estudo

O PEPB, criado em 1974 compreende todas as encostas do maciço homônimo, localizadas acima da cota de 100 metros. Com seus 12.393,84 hectares, é considerado uma das maiores florestas urbanas do mundo. A sobreposição entre unidades de conservação (UC) - especialmente de proteção integral - e áreas historicamente utilizadas por comunidades agrícolas e/ou tradicionais (como é o caso do PEPB) gera conflitos que fazem parte da realidade de diversas regiões no Brasil. A criação do Parque, reconhecido por seu potencial hídrico e, posteriormente, por sua relevância ambiental, fez

com que produtores agrícolas e quilombolas passassem a estar submetidos a uma legislação específica, que define as formas de acesso, ocupação e uso da terra e dos recursos naturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PERCEPÇÕES E VALORES EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO MACIÇO DA PEDRA BRANCA

Ao discorrer sobre populações tradicionais no contexto das estratégias de conservação, Diegues (2002) ressalta que esses grupos desenvolveram:

“modos de vida particulares que envolvem uma grande dependência dos ciclos naturais, um conhecimento profundo dos ciclos biológicos e dos recursos naturais, tecnologias patrimoniais, simbologias, mitos e até uma linguagem específica” (p. 142).

No contexto das comunidades quilombolas que residem e produzem no PEPB, essa relação com o espaço é caracterizada por uma interação com o território mediada pela prática agrícola construída ao longo de diversos ciclos econômicos de produção. Essa tradição agrícola persiste até os dias atuais, com o cultivo de banana, culturas de hortaliças e ervas medicinais.

Natureza como princípio, vínculo espiritualidade

Iniciamos a análise com a pergunta sobre o que é a natureza e se a pessoa entrevistada se considerava parte dela. Em relação à questão sobre o que é a natureza, uma pessoa expressou: “A natureza é tudo, é o princípio de tudo” (E 2, 2023). / “É vida. É começo, meio e fim” (E 4, 2023).

Outra resposta revela uma conexão religiosa, expressando o sentimento da presença divina dos orixás Oxum e Oxóssi na dimensão da vida cotidiana, evidenciando a dimensão espiritual enquanto valor atribuído à natureza:

Nossa vida gira em torno dela (...) acho que a natureza é muito de nós. Ela nos presenteia com a nossa saúde, né? A gente que se envolve muito com a natureza acaba tendo um curso de vida com mais qualidade. Encontro e sinto a natureza no meu lar. Mamãe Oxum está sempre presente em minha vida. Meu pai Oxóssi está em todo lugar que vejo. Sou

contemplada demais e sou muito grata (E 1, 2023).

Me sinto parte, porque eu gosto de plantar e ver crescer. Eu gosto de estar com a mão na terra, plantando. Eu acho que isso é ser parte da natureza (E 5, 2023).

Na obra "*On Decoloniality*", Mignolo; Walsh (2018 apud Ramos, 2020) destacam a importância do conceito de *relacionalidade* para entender como narrativas locais se conectam a abordagens e práticas decoloniais. Estas práticas e abordagens emergem e se manifestam nos corpos em uma jornada rumo à descolonização de mecanismos que ainda mantêm vivas diversas formas de colonialidade. Para Mignolo; Walsh (2018 apud Ramos, 2020), sua compreensão e interpretação da relacionalidade são enriquecidas pelo conceito de *vincularidade*. Para Ramos (2020), a vincularidade é a centralidade do conceito de antropoceno pois nos remete a ideia de que a natureza (em sua dimensão ecológica mais ampla) e o cosmos sempre mantiveram um equilíbrio relacional (p. 125). Assim, segundo o autor, a vincularidade se alinha com um movimento no pensamento ecológico atual que busca conscientizar sobre a importância de restaurar o equilíbrio e o respeito mútuo entre todos os componentes da natureza, englobando tanto humanos quanto não humanos, e reconhecendo sua interconexão cosmológica (Bispo dos Santos, 2015; 2023).

Regeneração e inteligência ecológica

Outras falas revelam como os modos de vida baseados na natureza contêm uma sabedoria ecológica que reconhece a sua força regenerativa:

(...) Como eu nasci no meio da natureza, pra mim é tudo de mim. A gente viveu e vive dela. A gente fala: 'Quero um mundo melhor'. Um mundo melhor é a natureza do jeito que ela é. A gente vê na televisão um monte de desastres. Você vê que as pessoas querem reflorestar. Se você largar ela, ela vai crescer sozinha. Ela vai voltar do jeito que ela quer. Quer ver um exemplo? Aquela tromba d'água que teve aqui. A água levou tudo. E olha hoje, tá tudo de volta” (E 3, 2023).

A resposta acima nos conduz a uma situação vivenciada no quilombo Cafundá Astrogilda narrada pela pesquisadora Rita Montezuma em

um vídeo, em que compartilha sua experiência durante uma visita à nascente do rio Paineiras, onde os quilombolas contaram que essa área era anteriormente ocupada pelo próprio Quilombo. Há tempos, a comunidade percebeu que seu crescimento e o uso da terra estavam afetando a qualidade da água e o equilíbrio da bacia hidrográfica. Diante disso, tomaram a decisão de se realocar para uma área mais baixa, permitindo que a região anterior fosse recuperada. Com o tempo, observou-se que a vegetação e o nível da água se restabeleceram, confirmando a hipótese da comunidade. A pesquisadora ressalta, então, a importância do conhecimento adquirido através da observação e vivência direta com a natureza por parte de grupos que têm uma compreensão íntima das dinâmicas naturais, fundamental para a averiguação de problemas, tomada de decisões relacionadas ao uso dos recursos naturais e gestão do território (Sertão Carioca, 2022).

As comunidades locais costumam ser o elo mais direto com os ecossistemas, porque frequentemente dependem dos SE locais e são os mais diretamente afetados pela degradação dos ecossistemas (MEA, 2005).

Memórias, parentesco e a natureza como território de relações

As lembranças dos entrevistados associadas à natureza evocam vivências familiares, práticas culturais e afetos que consolidam a paisagem como território de memória:

“Minha melhor lembrança é tomar banho de ervas da minha avó. A gente ia na mata, buscar a erva, minha avó ia macerar, pra dar banho na gente” (E 2, 2023).

“Tenho lembranças do meu pai que lidava com ervas medicinais. Quando penso em natureza, penso na família. Minhas maiores lembranças são da família (...)” (E 6, 2023).

“Tenho várias lembranças. Lembro que, quando era pequena, eu e minha família íamos sempre para as cachoeiras do Rio de Prata. (...) Também tenho lembranças visuais. Essas eu nunca esqueço. Minhas primeiras fantasias infantis são relacionadas com montanhas, com as serras do Rio da Prata. Minhas primeiras lembranças eram pensar: ali acaba o mundo. O mundo acaba ali.” (E 7, 2023).

Diegues (2002) ressalta que modos de vida tradicionais estão ancorados na família e na terra. Neste sentido, memória e paisagem se

entrelaçam na construção do pertencimento e da identidade coletiva.

“(...) Eu gosto muito quando é lua cheia. Aí você para tudo e fica só olhando a lua. Eu sou do tempo que a gente tomava bênção à lua: ‘bênção, dindinha Lua’, chamada de ‘dindinha’. Era a madrinha.” (E 3, 2023).

“A criança quando nascia, você tirava a roupinha, ficava só de fraldinha, pegava assim pelo bracinho, igual rei leão, virava pra lua e falava assim: Lua, lua, leva essa criança para criar, depois de criada, torna a me dar. (...) E quando a gente via a lua pedia a bênção. Eu, pra mim isso é coisa de índio.” (E 2, 2023)

Essas práticas revelam uma concepção ampliada de parentesco. E para além da interação do ser humano com o mundo animal, alguns povos também possuem uma estreita relação de proximidade emocional e vital com outros elementos da natureza como rios, o céu, montanhas e pedras. Por exemplo, Krenak (2020) conta que diferentes povos originários da América do Sul, do norte e do Japão e da Rússia apresentam uma cosmogonia que se remete ao tempo no qual os humanos estávamos em um estado de corporalidade diferente,

“tem gente que era peixe, tem gente que era árvore antes de se imaginar humano. Todos nós já fomos alguma outra coisa antes de sermos pessoas” (p.51).

E essa integração do ser humano com o mundo natural não se dá somente em sua origem, mas também através de uma visão de ciclicidade da corporalidade da matéria humana, por meio da matéria da natureza:

“Nós temos uma compreensão de que a gente continua, em outros termos, a existir. Nós somos terra. A gente volta para a terra, volta para os rios, volta para as florestas. É por isso que quando você abraça uma árvore, você pode estar abraçando um irmão” (p.30).

Biodiversidade como modo de vida

É importante reconhecer que os valores relacionais podem envolver tanto relações instrumentais quanto não instrumentais com a natureza (Himes; Muraca, 2018). Essa complexidade emerge fortemente nos relatos sobre o uso de alimentos e ervas na floresta. O reconhecimento da diversidade de alimentos e

de seu valor prático vem acompanhado de uma dimensão afetiva, identitária e relacional.

"Lembro de usar e abusar das frutas. Imagina, todas as frutas. Eu subia em todas as árvores. Isso me marcou porque era um tempo de fartura, né? A gente podia reclamar de qualquer coisa, menos dos alimentos. Era nosso quintal. Veio o crescimento, e a gente foi se debandando para o luxo. Mas até hoje se eu ver um pé de tangerina, tranquilo, eu vou sentar ali" (E 3, 2023).

"A gente sempre pegou as coisas no mato para sobreviver. Eu ia com minha mãe; ela pegava chuchu, almeirão, tudo no mato. Pegava café, guandu. Era nosso sacolão: laranja, lima da pérsia, tangerina, banana" (V 1, 2021).

"Era angu, era batata doce, banana, banana figo, que a gente chama de banana sapo. Aqui tinha também chuchu da gruta" (V 2, 2021).

"A gente acha de tudo na mata. Chuchu, taioba, caruru do rio" (V 3, 2021).

"Eu acho que a floresta serve pra alimentar o povo. Acho que principalmente isso. Poucos lugares têm bananas que têm aqui" (V 6, 2021).

No que diz respeito aos alimentos cultivados, a lógica de gestão dos ecossistemas adotada pela comunidade geralmente se baseia na promoção da diversidade (Guibrunet *et al.*, 2021). Essa abordagem evidencia o reconhecimento de que conservar a biodiversidade e garantir meios de subsistência não são objetivos contraditórios, mas interdependentes. Os agricultores atribuem valor à natureza na medida em que ela contribui para a reprodução de seus meios de vida, o que está intrinsecamente ligado à sua memória biocultural (Ibid.). Assim, eles promovem a biodiversidade por meio de uma combinação estratégica de diferentes elementos agrícolas na paisagem, resultando em uma variedade de recursos naturais. A composição específica dessa diversidade varia de acordo com os objetivos, mas também é influenciada por *biointerações*, que conforme o intelectual quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015; 2023), refere-se a uma conexão harmoniosa entre a natureza e os seres humanos, na qual estes estabelecem uma ligação comunitária, coletiva, intrínseca à habilidade de cultivar, colher e compartilhar. Portanto, o conhecimento, as práticas e as culturas dos agricultores são fundamentados em experimentações empíricas, que formam a base de seus valores relacionais (Guibrunet *et al.*, 2021).

Cabe ressaltar que a gestão das áreas protegidas, tem historicamente marcado a separação entre natureza humana e não-humana, criando barreiras que enfatizam mais a exclusão do que a interação (Büscher; Fletcher, 2019). O modelo tradicional de conservação procura proteger a natureza dos humanos, estabelecendo regras de acesso e uso, ao invés de promover uma relação integrada entre ambos.

As plantas e ervas medicinais desempenham papéis múltiplos nas práticas comunitárias, sendo reconhecidas tanto como recursos terapêuticos de saúde coletiva (valores instrumentais) quanto como elementos constitutivos da cultura e da identidade local (valores intrínsecos e relacionais). Os saberes sobre plantas medicinais são transmitidos intergeracionalmente e envolvem relações de confiança com a floresta.

"A gente ainda usa muito. E a gente sabe que tem ervas que só dão na mata: abre-caminhos, vence-demanda, guiné, que a gente usa pros banhos de limpeza. Se não tivesse toda essa floresta aqui em volta, a gente não poderia ter essas ervas. Eu acho que essa reserva aqui [o PEPB] é bem importante pra gente. E acho que em outro lugar a gente não saberia viver." (V 1, 2021)

"Minha mãe nunca levou a gente ao médico para poder fazer nada. O médico da gente era da mata. Fazia chá, fazia banho, e assim a gente foi criado." (V 6, 2021).

"Eu normalmente recorro à natureza, às ervas, depois à farmácia. Isso já passou desde criança, tua mãe, teu pai, tua tia, teu tio. Isso aqui é pra isso, tem que fazer assim... já vai te passando. Quando você é criança, não dá muita atenção, mas quando você precisa, você vê que aquilo ficou guardado na tua memória." (V 8, 2021)

"As ervas servem para tirar algo do corpo. Meu pai fazia também para bronquite. Dava o remédio e as pessoas ficavam curadas." (V 16, 2022)

"Falar do Rio da Prata sem mencionar as ervas medicinais é quase impossível. [...] O que alguém olha e vê mato, a gente vê medicamentos. E estão ali porque teve alguém no passado que cultivou os medicamentos ali." (V 17, 2022)

A espiritualidade atravessa também os usos e os significados das plantas. Essas práticas revelam uma ética de cuidado e reciprocidade

com a floresta, mobilizando conhecimentos que conectam corpo, espírito e território. Outros relatos apontam para a percepção da floresta como um bem comum que assegura elementos essenciais para a qualidade de vida, como ar puro, água e regulação climática. Essa percepção se articula tanto com diferentes dimensões de valores, incluindo como princípio ética de vida.

“Primeiro que ela [a floresta] é o meu pulmão. E como você vai matar aquilo que te alimenta? Aí você mesmo tá se matando. Ela é um bem maior pra todo mundo. A destruição é mais pela ambição do que pelo entendimento.” (E 3, 2023)

“Aqui a gente tem qualidade desde a água até o ar. Mas as outras pessoas da cidade não têm noção (...)” (E 4, 2023)

“Quando eu falo do que ela [a natureza] oferece pra mim, estou falando para todo mundo. Mas as pessoas não têm muita noção disso.” (E 7, 2023)

A percepção da floresta como aliada à saúde física e espiritual reforça a centralidade da reciprocidade nas biointerações. A degradação florestal é vista como uma ameaça à vida coletiva.

As percepções e valores identificados não são estruturas independentes e autônomas; são o resultado de uma cadeia sociocultural que vincula indivíduos a coletividades e tradições comunitárias, gerando identificação entre indivíduos e as formas com as quais se relacionam com a natureza. Assim, a transição para a busca de novas soluções e a construção de novos cenários científicos, paradigmáticos e civilizatórios envolve a análise do “real”, reconhecendo e compreendendo a importância de iluminar as práticas de vida em pequena escala (Bastidas Aguilar, 2020). Dessa maneira, podemos considerar que o futuro da ciência dos SE está intrinsecamente ligado aos sistemas de valores relacionais e à conexão com os contextos locais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho houve o compromisso de trabalhar em colaboração com as comunidades cujos sentimentos e perspectivas nutriram a pesquisa da qual se originou. Na medida em que nos aprofundamos na discussão sobre a inclusão de valores relacionais na abordagem dos SE, identificamos um ponto crucial: os SE, longe de serem apenas instrumentos utilitários, possuem

a potencialidade de ultrapassar a dualidade restritiva. Emerge, assim, a necessidade de transcender as limitações convencionais, abraçando uma diversidade de perspectivas e valores que se manifestam nas relações humanas com a natureza. Nesse contexto, o *sentipensar* como ferramenta metodológica e analítica ressoa com particular relevância, rumo às dimensões emocionais e intuitivas. As relações tecidas durante a pesquisa tiveram um impacto emocional que influenciaram as decisões teórico-metodológicas e as reflexões ao longo do desenvolvimento do estudo. A abordagem do *sentipensar* trilha, assim, um caminho duplo: é da pesquisadora e da comunidade ou grupos com o qual interage em relação ao objeto estudado.

Na construção dessas reflexões e dos caminhos que transacionam para novos paradigmas, emergem e são reivindicadas as lutas sociais e ontológicas das comunidades tradicionais, que de forma coletiva têm convocado todo o planeta para compreender que existem *pluriversos*. Dessa forma, evidenciar práticas, e portanto, valores relacionais nas avaliações de SE pode inaugurar um terreno para uma abordagem mais integrada que contribuiu para uma dinâmica de subversão ao colonialismo intelectual, exercendo influência sobre as políticas sociais e as decisões institucionais relacionadas à resolução de conflitos socioambientais.

Em relação ao modelo de conservação corrente, como tem sido há mais de um século institucionalizado no Ocidente, destacamos sua relação com a abordagem de valoração mais comumente adotada na ciência do SE. Como contraponto, um novo e necessário modelo de conservação sugere uma inversão dessa lógica, identificando valores relacionais e promovendo uma abordagem que reconheça as biointerações. Nesse sentido, compreender os sistemas de valores de povos tradicionais, como quilombolas, torna-se ainda mais relevante, tendo em vista o seu papel crucial na governança da biodiversidade, atuando a partir de relações mais integradas à natureza.

A partir dessa construção, a ciência dos SE pode se fortalecer ao dialogar com outros movimentos, como a jurisprudência ambiental, que promove uma compreensão mais ética da relação entre os seres humanos e a natureza. Esse e outros movimentos que levam em conta valores relacionais, culturais e espirituais no contexto socioambiental contribuem na revisão de noções caras à abordagem do SE, como economia e desenvolvimento. Incorporar essas perspectivas pode enriquecer e aprimorar a ciência dos SE, criando oportunidades para a institucionalização e a normatização de valores

relacionais distintos e para a promoção de um mundo onde caibam muitos mundos.

AGRADECIMENTOS

Às (Aos) integrantes das comunidades quilombolas Dona Bilina e Cafundá Astrogilda, participantes deste estudo. A generosidade, a confiança e a profundidade dos conhecimentos compartilhados foram fundamentais e transcenderam a mera coleta de dados.

À Yasmin Abreu, por ter ajudado a temperar razão com poesia.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001; da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ através do Programa Cientista do Nosso Estado (283322), e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq (307148/2022-0).

REFERÊNCIAS

- BASTIDAS AGUILAR, L. Sentipensar el pluriverso: Legado del maestro Orlando Fals Borda para la sub-version, la utopía y el buen vivir. *Collectivus, Revista de Ciencias Sociales*, v. 7, n. 1, p. 63-74, 2020. <https://doi.org/10.15648/Collectivus.vol7num1.2020.2532>
- BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ PISEAGRAMA, 2023.
- BISPO DOS SANTOS. Colonização, quilombos: modos e significações. INCTI/UnB/INCT/CNPq/MCTI, Brasília, 2015.
- BORDA, F. *A Sentipensante Sociology for Latin America (Una sociología sentipensante para América Latina)*. Mexico City: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/coedicion/fborda/27053622/AntologiaFalsBorda.pdf>. Acessado em: fev. 18, 2023.
- BÜSCHER, B.; FLETCHER, R. Towards Convivial Conservation. *Conservation & Society*, v. 17, n. 3, p. 283–296, 2019. https://doi.org/10.4103/cs.cs_19_75
- CAMPANHA, M. M. PEDREIRA, B. da C. C. G.; FIDALGO, E. C. C.; PARRON, L. M.; PRADO, R. B.; BERGIER, I.; MONTEIRO, J. M. G.; FERRAZ, R. P. D.; TURETTA, A. P. D.; TONUCCI, R. G.; SILVA, G. B. S. da; **Serviços ecossistêmicos: histórico e evolução**. In: FERRAZ, R. P. D.; PRADO, R. B.; PARRON, L. M.; CAMPANHA, M. M. *Marco Referencial em Serviços Ecossistêmicos*. Brasília (DF): Embrapa, 2019. p. 37-54.
- COLLOFF, M. J.; LAVOREL, S.; VAN KERKHOFF, L. E.; WYBORN, C. A.; FAZEY, I.; GORDDARD, R.; MACE, G. M.; FODEN, W. B.; DUNLOP, M.; PRENTICE, I. C.; CROWLEY, J.; LEADLEY, P.; DEGEORGES, P. Transforming conservation science and practice for a postnormal world. *Conservation Biology*, v. 31, n. 5, p. 1008-1017, 2017. <https://doi.org/10.1111/cobi.12912>
- DÍAZ, S.; DEMISSEW, S.; CARABIAS, J.; JOLY, C.; LONSDALE, M.; ASH, N.; LARIGAUDERIE, A.; ADHIKARI, J. R.; ARICO, S.; BÁLDI, A.; BARTUSKA, A.; BASTE, I. A.; BILGIN, A.; BRONDIZIO, E.; CHAN, K. M. A.; FIGUEROA, V. E.; DURAIAAPPAH, A.; FISCHER, M.; HILL, R.; KOETZ, T.; LEADLEY, P.; LYVER, P.; MACE, G. M.; MARTIN-LOPEZ, B.; OKUMURA, M.; PACHECO, D.; PASCUAL, U.; PÉREZ, E. S.; REYERS, B.; ROTH, E.; SAITO, O.; SCHOLE, R. J.; SHARMA, N.; TALLIS, H.; THAMAN, R.; WATSON, R.; YAHARA, T.; ABDUL HAMID, Z.; AKOSIM, C.; AL-HAFEDH, Y.; ALLAHVERDIYEV, R.; AMANKWAH, E.; ASAH, S. T.; ASFÁW, Z.; BARTUS, G.; BROOKS, L. A.; CAILLAUX, J.; DALLE, G.; DARNAEDI, D.; DRIVER, A.; ERPUL, G.; ESCOBAR-EYZAGUIRRE, P.; FAILLER, P.; FOUDA, A. M. M.; FU, B.; GUNDIMEDA, H.; HASHIMOTO, S.; HOMER, F.; LAVOREL, S.; LICHTENSTEIN, G.; MALA, W. A.; MANDIVENYI, W.; MATCZAK, P.; MBIZVO, C.; MEHRDADI, M.; METZGER, J. P.; MIKISSA, J. B.; MOLLER, H.; MOONEY, H. A.; MUMBY, P.; NAGENDRA, H.; NESSHOVER, C.; OTENGYEBOAH, A. A.; PATAKI, G.; ROUÉ, M.; RUBIS, J.; SCHULTZ, M.; SMITH, P.; SUMAILA, R.; TAKEUCHI, K.; THOMAS, S.; VERMA, M.; YEO-CHANG, Y.; ZLATANOVA, D. **The IPBES Conceptual Framework - connecting nature and people**. *Current Opinion in Environmental Sustainability* 14: 1–16, 2015. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2014.11.002>
- DIEGUES, A. C. A. **O mito moderno da natureza intocada**. 4 ed. São Paulo: Editora HUCITEC, 2002.

- ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: Las Luchas Territoriales y la Dimensión Ontológica de las Epistemologías del Sur. **AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana** v. 11, n. 1, p. 11-32, 2016. <https://doi.org/10.11156/aibr.110102>
- GUIBRUNET, L.; GERRITSEN, P. R. W.; SIERRA-HUELSZ, J. A.; FLORES-DÍAZ, A. C.; GARCÍA-FRAPOLLI, E.; GARCÍA-SERRANO, E.; PASCUAL, U.; BALVANERA, P. Beyond participation: How to achieve the recognition of local communities' value-systems in conservation? Some insights from Mexico. **People and Nature**, v. 3, n. 3, p. 528-541, June 2021. <https://doi.org/10.1002/pan3.10203>
- HIMES, A.; MURACA, B. Relational values: the key to pluralistic valuation of ecosystem services. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 3, n.1, p. 1-7, jan.-abr. 2018. <https://doi.org/10.1016/j.cosust.2018.09.005>
- INTERGOVERNMENTAL SCIENCE-POLICY PLATFORM ON BIODIVERSITY AND ECOSYSTEM SERVICES [IPBES]. Summary for policymakers of the global assessment report on biodiversity and ecosystem services of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services. IPBES secretariat, Bonn, Germany. 56 pages, 2019. Disponível em: https://files.ipbes.net/ipbes-web-prod-public-files/inline/files/ipbes_global_assessment_report_summary_for_policymakers.pdf. Acesso em: 19 ago. 2025.
- KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- LATERRA, P.; NAHUELHUAL, L.; VALLEJOS, M.; BERROUET, L.; ARROYO PÉREZ, E.; ENRICO, L.; JIMÉNEZ-SIERRA, C.; MEJÍA, K.; MELI, P.; RINCÓN-RUÍZ, A.; SALAS, D.; ŠPIRIĆ, J.; VILLEGAS, J. C.; VILLEGAS-PALACIO, C. Linking inequalities and ecosystem services in Latin America. **Ecosystem Services**, v. 36, abr. 2019. <https://doi.org/10.1016/j.ecoser.2018.12.001>
- LAW, J. What's Wrong with a One-World World. **Distinktion: Journal of Social Theory**, v. 16, n. 1, p. 126-139, 2015. DOI: 10.1080/1600910X.2015.1020066.
- MANFREDO, M. J.; BRUSKOTTER, J. T.; TEEL, T. L.; FULTON, D.; SCHWARTZ, S. H.; ARLINGHAUS, R.; OISHI, S.; USKUL, A. K.; REDFORD, K.; KITAYAMA, S.; SULLIVAN, L. Why social values cannot be changed for the sake of conservation. **Conservation Biology**, 2017, v. 31, n. 4, p. 772-780. <https://doi.org/10.1111/cobi.12855>
- MIGNOLO, W. D.; WALSH, C. **On Decoloniality**. Durham: Duke University Press, 2018. <https://doi.org/10.1215/9780822371779>
- MILLENNIUM ECOSYSTEM ASSESSMENT (MEA). **Ecosystems and human well-being: global assessment reports**. Washington, DC: Island Press, 2005.
- MONCAYO, V. M. Apresentação. Fals Borda: hombre hikota y sentipensante. In: BORDA, F. **Una sociología sentipensante para América Latina**. antología y presentación: MONCAYO, V. M. México, D. F.: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, 2015, p. 9-19. Disponível em: <https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/201510>
- RAMOS, J. G. Sentipensar la sustentabilidad: Decolonialidad y afectos en el pensamiento latinoamericano reciente. **A Contracorriente: Una Revista De Estudios Latinoamericanos**, v. 17, n. 2, p. 114-127, 2020. Disponível em: <https://acontracorriente.chass.ncsu.edu/index.php/acontracorriente/article/view/2023023>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- SCHROTER, M.; VAN DER ZANDEN, E. H.; VAN OUDENHOVEN, A. P. E.; REMME, R. P.; SERNA-CHAVEZ, H. M.; DE GROOT, R. S.; OPDAM, P. Ecosystem services as a contested concept: a synthesis of critique and counter-arguments. **Conservation Letters**, v. 7, n. 6, p. 514-523, nov./dec. 2014. <https://doi.org/10.1111/conl.12091>
- SCHWARTZ S. H. A theory of cultural value orientations: explication and applications. **International Journal of Comparative Sociology**, v. 5, p. 137- 182, 2006. <https://doi.org/10.1163/156913306778667357>
- SERTÃO CARIOCA. Registro realizado em março de 2022 no âmbito do Projeto Sertão Carioca. **Instagram**, 21 mar. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CbaOzzoDb9s/>. Acesso em: 19 ago. 2025.
- STÅLHAMMAR, S. Reconnecting with nature through concepts: on the construction of values in the ecosystem services paradigm. 220f. Tese de Doutorado. (Faculty of Social Sciences). Lund University, Suécia, 2020. Disponível em: https://lucris.lub.lu.se/ws/files/73252373/Sanna_a_St_lhammar_WEBB.pdf. Acesso em: 14 out. 2025.
- TEEB. **The Economics of Ecosystems and Biodiversity: Ecological and Economic Foundations**, edited by Pushpam Kumar. London and Washington, DC: Earthscan, 2010.
- ZAFRA-CALVO, N.; BALVANERA, P.; PASCUAL, U.; MERÇON, J.; MARTÍN-LÓPEZ, B.; VAN NOORDWIJK, M.;

MWAMPAMBA, T. H.; LELE, S.; IFEJIKA SPERANZA, C.; ARIAS-ARÉVALO, P.; CABROL, D.; CÁCERES, D. M.; O'FARRELL, P.; MAZHENCHERY SUBRAMANIAN, S.; DEVY, S.; KRISHNAN, S.; CARMENTA, R.; GUIBRUNET, L.; KRAUS-ELSIN, Y.; MOERSBERGER, H.; DÍAZ, S. Plural valuation of nature for equity and sustainability: Insights from the Global South. **Global Environmental Change**, v. 63, 2020. <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2020.102115>

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Ingrid Almeida de Barros Pena: conceitualização, metodologia, curadoria dos dados, análise de dados, redação do manuscrito original, revisão e edição da pesquisa; Helena Neri Alves Pinto: curadoria dos dados, revisão e edição. Agnieszka Ewa Latawiec: supervisão, recebimento de financiamento, administração do projeto, revisão e edição.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído nos termos da Licença de Atribuição Creative Commons, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.